

A APOLOGÉTICA CATÓLICA: COMBATER A CIÊNCIA MODERNA E (RE)VIVER A MEDIEVALIDADE

Leonir Borges*

Daniel Longhini Vicençoni**

Aida Franco de Lima***

RESUMO: O contexto do nascimento da Ciência Moderna se dá na transição do feudalismo para o capitalismo. Neste período de mudanças, surgem diversos pensadores que se apresentam por caminhos distintos, porém, com o objetivo de se chegar à verdade, contrapondo-se ao pensamento predominante na época: o do catolicismo. Essa contraposição foi possível pela secularização da sociedade. Diante disso, o artigo de cunho bibliográfico apresenta brevemente os novos paradigmas da ciência moderna e, na sequência, a apologética católica frente à ciência moderna, como meio de manter sua hegemonia às formas de pensar e (re)viver a medievalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência moderna; Medievalidade; Ultramontanismo; Apologética; Igreja católica.

CATHOLIC APOLOGETICS: FIGHTING AGAINST MODERN SCIENCE AND (RE)LIVING MEDIEVALISM

ABSTRACT: The birth of Modern Science occurs within the transition period from feudalism to capitalism. During this period of many changes, there were several thinkers who, by different ways but with the aim at attaining the truth, put themselves against the predominant philosophy of the period: Catholicism. This counter-position was only possible due to society's secularization. Current bibliographical article shows briefly the new paradigms of modern science and the Catholic apologetics to cope with modern science as a mean of maintaining its hegemony in thought and to (re)live medievalism.

KEY WORDS: Modern science; Medievalism; Ultramontanism; Apologetics; Catholic church.

* Mestre em Educação -UEM; Professor da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR, Brasil. E-mail: leonir_borges@hotmail.com

** Mestrando em Educação – UEM; Bolsista Capes, Brasil. E-mail: daniel.longhini97@gmail.com

*** Doutora em Comunicação e Semiótica e Mestre em Comunicação e Semiótica - PUC/SP, Brasil. E-mail: aida.francodelima@gmail.com

INTRODUÇÃO

A resistência do clero católico frente à modernidade ainda é realidade. O saudosismo pela medievalidade reflete-se na práxis de um retorno ao mundo medieval e da centralidade da Igreja Católica, principalmente no controle das ciências, uma vez que as universidades medievais foram fundadas e controladas pela Igreja Romana.

Um exemplo da mentalidade medieval que permeia segmentos do clero católico são os Arautos do Evangelho, uma organização católica formada a partir da TFP (Tradição, Família e Propriedade), que promove cultos à revelia do Vaticano e afirma que o papa Francisco serve ao demônio. Essa organização, no Paraná, construiu um castelo em estilo gótico francês. As estruturas, depois de concluídas, estão sendo utilizadas como local de evangelização (TELE, 2018; CRIVELLARO, 2017).

O apego ao passado se dá pelo fato de que a Igreja Católica, durante o período medieval, foi detentora de poder, manteve monopólio no âmbito político, econômico, social, cultural e religioso, se constituindo “[...] no centro de equilíbrio da Europa medieval e moldou o mundo feudal à sua imagem e semelhança” (MANOEL, 2004 p. 116).

Embora a igreja tenha se mantido como força hegemônica durante o período medieval, as contradições não deixaram de existir. Aos poucos, os pensamentos contrários à igreja ou àqueles que eram oriundos de seu seio, começaram a circular pela sociedade, efervescendo e aguçando as contradições.

Na transição do feudalismo para o capitalismo, as ideias que em grande parte iam de confronto com o *status quo* estabelecido pela cultura católica, constituíram-se como a Ciência Moderna. Um entre os vários exemplos que podemos citar, este apenas como ilustração, é o de Galileu Galilei (1564-1642), que enfrentou forte repressão por divulgar suas ideias, que afrontavam a realidade defendida pelos teólogos medievais (PEREIRA; GIOIA, 1996 p. 177)⁴.

⁴ No decorrer do artigo, recorreremos ao livro: ANDERY, Maria Amália. *et al* (1996), a fim de elucidar questões mais abrangentes sobre alguns autores que, juntos, estão localizados nas raízes históricas do que comumente denominamos de ciência moderna. Entretanto, vale lembrar que, mesmo utilizando o livro citado, não deixamos de tomar os cuidados metodológicos apontados por Gatti Júnior (2012), em que se destaca que os manuais possuem, em geral, uma conotação introdutória, ou seja, não há grandes aprofundamentos. Ressaltamos que o texto será utilizado sob uma ótica crítica.

Entendemos que os embates oriundos da Igreja Católica às ideias que constituem a ciência moderna e a própria modernidade possuem suas raízes históricas bem definidas. O artigo apresenta os paradigmas da ciência moderna, com base em pensadores como Francis Bacon (1561-1626), René Descartes (1596-1650), John Locke (1632-1704) e Karl Marx (1818-1883) e na sequência discute o alinhamento teórico que o catolicismo romano utilizou para combater e enfrentar a modernidade advinda com o fim do período medieval e busca-se, principalmente, problematizar a apologética dos historiadores católicos contemporâneos que se apropriaram de discursos ultramontanos para defender a medievalidade como paradigma a ser buscado e ou repensado.

2 NOTAS SOBRE OS NOVOS PARADIGMAS DA CIÊNCIA MODERNA

Não ocorre uma ruptura brusca do medievo para a modernidade⁵. Trata-se de um processo gradativo que é acompanhado de variadas etapas: mudanças e transformações políticas, econômicas, sociais, culturais e religiosas. O novo se sobrepõe ao velho e, muitas vezes, as transformações são atreladas ao antigo “[...] o velho e o novo frequentemente se misturam” (PEREIRA; GIOIA, 1996 p. 163).

O cenário que se caracteriza com o nascimento da ciência moderna é o da transição do feudalismo para o capitalismo. De maneira geral foi a troca da terra pelo dinheiro, substituição do regime de servidão pelo trabalho assalariado, predominância da vida urbana em detrimento da vida rural, renascimento comercial, uma passagem que, aos poucos, culminava com o nascimento das fábricas. É impossível compreender a gênese da ciência moderna sem entender as alterações que vieram junto com o capitalismo (PEREIRA; GIOIA, 1996).

Essa transição não se deu naturalmente. As transformações ocorreram, sobretudo, por meio das contradições de classes que, antagônicas entre si, enfrentaram-se em luta muitas vezes em aberto ou veladas (MARX, 2018). Com o advento do capitalismo, o processo de produção passa a ser mecanizado e, com isso,

⁵ Para aprofundar sobre a passagem do mundo medieval para o moderno e a questão científica, sugerimos a leitura do artigo: Dutra (2019) “Para uma história da ciência quinhentista: entre desafios e anacronismos”.

o trabalhador deixou de controlar a sua produção, desconhecendo o início, meio e fim de seu próprio trabalho (BORGES, 2012). A exploração do trabalho concretizou-se de maneira intensa por meio da criação das indústrias modernas.

Todas as transformações que se localizam no seio da gênese do capitalismo estão acompanhadas de ideias que caracterizam a ciência moderna. É neste contexto de mudanças que os pensamentos de Francis Bacon, René Descartes, John Locke e Karl Marx⁶ aparecem.

É impossível compreender o trabalho intelectual de Francis Bacon⁷ sem entendê-lo como fruto do contexto em que viveu. Contemporâneo ao nascimento das indústrias, Bacon não concebia a sociedade sem elas. Seus esforços filosóficos pautavam-se, sobretudo, em formular questões relacionadas à indústria e ao seu modo de produção.

Para Bacon, o progresso industrial estava ligado diretamente ao uso da ciência na indústria. É interessante notar que, a partir de suas ideias, aparece uma singularidade que outrora não existia, ou seja, a valorização da ciência como método de dominação da natureza para ser aplicada à indústria como forma de se obter progresso. Bacon acusa as antigas maneiras como ineficazes para seu contexto. “Seria algo insensato, em si mesmo contraditório, estimar poder ser realizado o que até aqui não se conseguiu fazer, salvo se fizer uso de procedimentos ainda não tentados” (BACON, 1973 p. 21).

Ainda seguindo o pensamento de Bacon, assinalam-se as razões das ciências não terem avançado, sendo elas o uso de métodos não empíricos, isto é, a partir de ideias sem fulcro argumentativo e “experimental”. Para ele, o sucesso das ciências estaria nas experiências realizadas em grandes números (PEREIRA, 1996 p. 197.): o conhecimento deve possuir como aporte os fatos testados.

Para além de Bacon, num contexto de grandes mudanças, René Descartes aparece como defensor do uso da razão como meio de alcançar a verdade (RUBANO; MOROZ, 1996). O seu pensamento consiste também em uma nova maneira de pensar

⁶ Notadamente, o nascimento da ciência moderna não se limita a esses autores. Entre outros, temos Galileu Galilei (1564-1642), Thomas Hobbes (1588-1679) e Isaac Newton (1643-1727), pelo limite de um artigo, elegemos somente esses quatro pensadores porque entendemos que satisfazem as necessidades básicas introdutória do objetivo do artigo.

⁷ Para maior aprofundamento sobre o pensamento de Francis Bacon, indicamos a leitura do artigo: Ciência, experimento e história em Bacon, de Smith (2018).

que em si, opondo-se ao *status quo* postulado no período medieval, pois mesmo que suas reflexões tenham como objeto a existência de Deus, ele se apoia em um novo método que se entende como científico.

Descartes, com a máxima “*Cogito, ergo sum*” (Penso, logo existo), compreende em seu afã intelectual que se deve duvidar de tudo, principalmente daquilo que provém dos sentidos. Ele percebe na dúvida uma imperfeição quando comparada ao conhecimento. Entende que, para existir a perfeição, esta deve vir do ser perfeito: Deus (RUBANO; MOROZ, 1996).

Embora suas reflexões acerca da perfeição e de Deus sejam de grande importância filosófica, o cerne da questão que deve ser ressaltado quando pensamos a ciência moderna é o uso da razão como novo método, que se contrapõe ao anteriormente posto: “a razão é um instrumento universal, que pode servir em todas as espécies de circunstâncias” (DESCARTES, 1996 p. 64). Para Descartes, deve haver a exclusão de incertezas por meio da dúvida metódica para além da dúvida, pois o intento por trás de seu pensamento é o de dar luz na busca da verdade pela ciência.

Outro filósofo que rompe com o pensamento escolástico é John Locke, que possuía como principal tese a defesa do liberalismo como forma de governo e alinhamento político. Além disso, ele fez a defesa contundente da propriedade privada (ANDERY; MICHELETTO; SÉRIO, 1996). Importante ressaltar que a teoria produzida por esse pensador se trata de uma das principais matrizes teóricas do pensamento liberal contemporâneo.

É perceptível a separação do pensamento educacional de Locke com o medieval quando propõe uma educação voltada para a mente e o corpo, e, principalmente, uma educação voltada para formar o homem burguês, aquele que seria responsável pelo desenvolvimento social (BORGES, 2012). O “pai do liberalismo” está alinhado aos grandes proprietários e donos de indústrias. Vale lembrar que ele escrevia para os que possuíam a propriedade privada e não para o trabalhador.

Ao defender a liberdade e a propriedade privada, Locke não descarta a necessidade e a importância da existência da escravidão. Para ele, o escravo era, afinal, propriedade de seu dono. Ainda segundo o seu raciocínio, a condição da escravidão era resultado legítimo do conquistador sob o conquistado (LOCKE,

2019). Ele foi um importante filósofo moderno ao afastar-se do pensamento educacional escolástico medieval, defendendo a propriedade privada e a liberdade econômica. As raízes teóricas do liberalismo contemporâneo encontram-se em seus escritos, uma vez que esse pensador se posicionou coerentemente dentro da classe que defendia, qual seja, a burguesia (BORGES, 2012).

Outro pensador que contribui para a compreensão dos postulados da ciência moderna foi o filósofo alemão Karl Marx. Sua epistemologia rompeu com os paradigmas existentes até o momento. Diferente de John Locke, ele deu visão aos problemas dos marginalizados, daqueles que não possuem a propriedade privada, ou seja, os trabalhadores.

Marx avalia a história com base nas produções materiais da vida ao analisar a relação do homem com a natureza por meio do trabalho. Anterior ao filósofo alemão, os estudos concernentes à história não se detinham em discutir as bases econômicas como instância necessária para entendimento e compreensão da realidade, uma vez que, até então:

Toda concepção histórica, até o momento, ou tem omitido completamente esta base real da história, ou a tem considerado como algo secundário, sem qualquer conexão com o curso da história. Isto faz com que a história deva sempre ser escrita de acordo com um critério situado fora dela. A produção da vida real aparece como algo separado da vida comum, como algo extra e supraterrrestre. Com isso, a relação dos homens com a natureza é excluída da história, o que engendra a oposição entre natureza e história (MARX e ENGELS, 1984, p. 57).

Essa citação nos permite perceber a denúncia das antigas visões (ainda atuais) que negavam a base material da história. A legitimação da exploração e da desigualdade era comum entre muitos pensadores anteriores a Marx — a exemplo de Locke. Daí surge, para o filósofo alemão, a função da ciência: “Aí onde termina a especulação, na vida real, começa também a ciência real, positiva, a exposição da atividade prática, do processo prático de desenvolvimento dos homens.” (MARX; ENGELS, 1984, p. 38). Portanto, a economia é a lente necessária para compreender a epistemologia do pensamento marxista.

Marx apresenta uma proposta de compreensão histórica singular dentre os pensadores que constituem as raízes históricas da ciência moderna: “A história

de toda sociedade até nossos dias é a história da luta de classes” (MARX, 2018, p. 23). Entende-se que a história consiste nos antagonismos entre os opressores e os oprimidos.

Deste modo, Marx formula uma nova epistemologia que fora denominada como materialismo histórico, propondo uma perspectiva de análise que se distanciava das tendências contemporâneas a ele, ao mesmo tempo assinalando sua marca ímpar na constituição e formação da ciência moderna.

A explanação acima sobre os quatro autores não foi em vão. Suas ideias e seus escritos marcaram a gênese da ciência moderna: se afastaram diretamente do pensamento medieval, ora o tomista, ora o escolástico metafísico. Como Damião (2018) observa, a autonomia da ciência perante a teologia e a filosofia foi uma das consequências mais significativas do período. Embora se apresentem com caminhos distintos, todos possuem um elo: a ressignificação da ciência como maneira de chegar à verdade, ainda que cada um conceitue ciência de maneira diferente.

3 A APOLOGÉTICA CATÓLICA FRENTE A CIÊNCIA MODERNA

Na esteira das transformações advindas com o nascimento do capitalismo e com os novos paradigmas da ciência moderna, o catolicismo foi perdendo sua influência cultural, pois era hegemônica ao divulgar as máximas cristãs; política, na medida que detinha mais poderes que os reis; social e material, uma vez que era a detentora da propriedade privada neste contexto. “A Igreja perdeu a hegemonia da sociedade: esta se afastava, aos poucos, e se descristianizava” (RIVERO, 2017, p. 242).

Em consequência da secularização da sociedade, ecoavam na igreja vozes que se posicionavam contrárias à ciência moderna. Dentro do clero, muitos queriam que o pêndulo da história voltasse para o medievo, período em que a igreja possuía hegemonia e poder e dessa forma o catolicismo era dominante politicamente, espiritualmente e culturalmente (MANOEL, 2004).

O embate católico frente à ciência moderna se conceituou como *Ultramontanismo*⁸, que na prática representava a rejeição à modernidade, dado ao

⁸ Uma discussão pertinente sobre o ultramontano no Brasil pode ser conferida em: RAMIRO JUNIOR (2016) “O conceito de civilização e o discurso ultramontano no Brasil”.

seu caráter secularizado, ou seja, uma civilização que estava sob o controle católico. Era o afastamento das estruturas medievais, em que o poder temporal estava sob o comando do poder atemporal (MANOEL, 2004, p. 118-119).

Segundo Manoel (2004), o ultramontanismo pode ser delimitado entre 1800 a 1960, mas não se pode dizer que o posicionamento contra a ciência moderna e a própria modernidade tenha desaparecido do ideário católico contemporâneo. Hoje ainda há pensamentos propagados em defesa da volta ao *status quo* medieval.

Para além do posicionamento ultramontano do catolicismo, neste texto, selecionamos dois autores católicos que possuem um alinhamento teórico conservador: Felipe Aquino, brasileiro, conhecido por ser apresentador e radialista do canal de televisão Canção Nova, que publicou mais de 70 livros de formação popular sobre a Igreja Católica, entre eles, destacam-se algumas produções sobre história da igreja; o segundo é o estadunidense Thomas Woods Júnior, alinhado epistemologicamente a Escola Austríaca, conhecido internacionalmente por vincular o catolicismo e o livre mercado como responsáveis pelo desenvolvimento do ocidente.

O livro de Felipe Aquino (2008), eleito para ser analisado neste artigo, é o “Uma história que não é contada”. Ao conferir este título para o livro, o autor alega incisivamente que o conteúdo do livro fora negligenciado por outros historiadores no Brasil, afinal, são informações que não foram ditas. No texto ele afirma que grande parte do que é ensinado, publicado e explanado nas universidades sobre a Igreja Católica são informações errôneas e afirma que

Infelizmente muitos estudantes secundários e universitários têm uma visão deformada a respeito da Igreja Católica, sua vida e sua História. Isto tem muito a ver com a imagem errada que muitos professores, de várias disciplinas, especialmente História, lhe passam, criando em muitos uma aversão à Igreja desde os bancos escolares. (AQUINO, 2008, p. 11).

A crítica de Aquino se refere à má formação que é dada nas universidades e escolas sobre a história da Igreja Católica para os alunos. Woods Júnior, em seu livro “Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental”, também parte da mesma premissa ao afirmar que

Para o nosso estudante do ensino médio, a história do catolicismo pode ser resumida em três palavras: ignorância, repressão e estag-

nação; *ninguém* fez o menor esforço para mostrar-lhe que a civilização ocidental deve à Igreja o sistema universitário, *as ciências* [...] (WOODS JÚNIOR., 2012 p. 5).

O olhar de Aquino tem uma característica apologética, como Camilo Rocha (2019) afirma. Sua defesa ao catolicismo tem em si uma intrínseca oposição às pesquisas e experimentações da ciência moderna: “[...] apenas ela [a Igreja] não aceita usar as suas descobertas contra a dignidade da pessoa humana” (AQUINO, 2012, p. 166). Com base nessa citação, é cabível pensar que, para Aquino, as pesquisas modernas são contrárias à dignidade humana?

O posicionamento de Aquino parte dos pressupostos conservadores, isto é, é apresentada a defesa da Igreja Católica como égide da cultura ocidental e que a modernidade e os historiadores modernos perseguem a igreja por meio da escrita histórica. Para ele, a ciência possui um elo com Deus, negando a materialidade na análise histórica e demonstrando seu apologismo: “[...] nunca houve para a Igreja, antagonismo entre ciência e religião, entre razão e fé, uma vez que ambas procedem do mesmo Deus” (AQUINO, 2012, p. 167).

Mais do que ligar a fé à ciência, Aquino defende o período medieval como um campo que foi fertilizado pela igreja para que se desenvolvesse a ciência e que os grandes cientistas da modernidade devem aos seus predecessores medievais: “Esses homens devem seus êxitos ao trabalho árduo de seus antecessores medievais”. Mais ainda: ele coloca no colo da igreja a responsabilidade do avanço da ciência. “As ideias teológicas da Igreja deram a base do progresso científico em primeiro lugar” (AQUINO, 2012 p. 170 e 199).

Seguindo a mesma linha argumentativa⁹, Woods Júnior (2012 p.63) questiona se seria coincidência o fato de o desenvolvimento das ciências modernas ter acontecido em um ambiente praticamente católico, ou se haveria algo no próprio catolicismo que influenciaria para que isso ocorresse. Neste sentido, defende que a igreja tenha sido responsável pelo crescimento da ciência: “[...] foram as ideias teológicas que forneceram as primeiras bases para o progresso científico” (WOODS JÚNIOR, 2012 p. 108).

⁹ No Brasil, há outros autores que seguem o posicionamento de Felipe Aquino e Thomas Woods Jr, como podemos observar: “A verdade é que a Igreja Católica é uma das grandes responsáveis pela ciência moderna [...] mas não adianta falar porque essa galera não acredita” (VARELA; VARELA, 2016).

Para Aquino e Woods Júnior, as bases da ciência moderna estão enraizadas na teologia medieval católica. Em ambos os livros desses autores, citam-se inúmeros¹⁰ “cientistas” medievais que foram predecessores dos modernos. O saudosismo aflorado pelos autores do medievo é uma apologia à hegemonia da Igreja Católica na sociedade. Ao mesmo tempo, é uma crítica incisiva aos paradigmas modernos, pois, como Camilo Rocha (2019, p. 202) aponta, a linha argumentativa de Aquino se baseia em dois pontos: entender que a modernidade secular comete atrocidades piores que qualquer outra existente no período medieval e que a narrativa histórica crítica à igreja deriva-se das raízes modernas, inimigas do catolicismo.

A melancolia exacerbada sobre o período medieval caracteriza uma defesa clara ao *status quo* medieval, da mesma forma que sua apologética está destinada àquilo que vem da igreja. Os autores defendem a Idade Média não pelas suas características singulares de organização social, mas, porque neste período, era a igreja que detinha influência política e econômica. “A cultura predominante em nossos dias é a ocidental, e esta tem sua origem na Europa medieval moldada pela Igreja” (AQUINO, 2012, p. 78). “Não foi mera coincidência que a ciência moderna tivesse surgido no ambiente católico da Europa ocidental” (WOODS JÚNIOR., 2012, p.109).

A modernidade é criticada por não estar sob a luz da igreja: “[...] a importância da Igreja para a civilização ocidental foi se tornando cada vez mais clara à medida que a sua influência diminuía” (WOODS JUNIOR, 2012 p. 208). Além disso, Woods Júnior (2012, p. 209) afirma que, a partir do século XIX, a sociedade passou a ser desordenada, criticando a secularização que ocorre a partir dos postulados que se firmam pelo processo de desenvolvimento e construção da ciência moderna.

Aquino e Woods Júnior, com seus perfis apologéticos, possuem o afã claro de defender a medievalidade como um *status quo* a ser alcançado. É a defesa escancarada de uma sociedade teocêntrica, afinal “[...] Na Idade Média tudo era por Deus e para Deus” (AQUINO, 2012, p. 82), sendo assim, não havia espaço para o diferente, o diferente significava desordem.

Com sentimentos melancólicos pela Idade Média, Aquino e Woods Júnior, alinhados epistemologicamente ao conservadorismo, defendem o sistema organizacional medieval como norte a seguir. A premissa de Manoel (2004) elucida

¹⁰ São citados: Roger Bacon, Nicolau de Cusa, Luca Pacioli, Gerberto de Aurillac, Robert Grosseteste, Nicolau Steno, Leon Battista Alberti (AQUINO, 2008, p. 159-176).

e problematiza a tese dos autores, um ímpeto por parte de alguns ramos do catolicismo — e dos intelectuais católicos — em ver voltar o pêndulo da história para a medievalidade.

A negação dos paradigmas da ciência moderna e o embate frente a uma sociedade secularizada são argumentos presentes nas obras dos autores aqui analisados. Não só isso, já que quando se percebe a defesa à ciência moderna, procura-se vinculá-la ao catolicismo, não somente para dar mérito à igreja, mas, principalmente para justificar a hegemonia católica na sociedade. É o pensamento ultramontano contemporâneo presente ainda hoje na intelectualidade católica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Idade Média não foi um período sem valor histórico ou um período por muito tempo denominado e tratado como o período das trevas. De acordo com o historiador Jacques Le Goff (2016), esse período possui ricas fontes de pesquisas, documentos e produções que vão além dos textos epistolares. Trata-se de um espaço de tempo que é muito mais do que o catolicismo, consistindo em um rico contexto histórico.

A defesa de uma sociedade sob a hegemonia do catolicismo feita por Aquino e Woods Júnior não descarta o estudo da história, mas este deve ser feito sob a luz do catolicismo, criando e possibilitando, dessa forma, condições para a legitimação de seu poder na contemporaneidade.

Com o advento do capitalismo e, por conseguinte, o nascimento das ciências modernas, o catolicismo passa a ser analisado sob uma perspectiva não mais religiosa, divinizada. Os estudos e pesquisas passaram a ser críticos, pautados em ideários arreligiosos, fazendo prevalecer o predomínio da laicidade.

Felipe Aquino, ao escrever o livro “Uma história que não é contada”, defende que o catolicismo medieval fora responsável por referenciar parte do que a ciência moderna postulou. Woods Júnior argumenta que a ciência moderna nasceu no ambiente católico e que não poderia ser diferente, pois, para ele, o catolicismo e a ciência estão atrelados.

Percebe-se a linha apologética de Aquino e Woods Júnior ao defenderem o *status quo* medieval, contexto em que a Igreja Católica era hegemônica. Deste modo, escancara-se a linha teórica conservadora e “ultramontana” dos autores aos

quais ainda hoje enfrentam a modernidade no campo intelectual como meio de procurar restabelecer o predomínio de um pensamento conservador e de um (re) viver medieval.

REFERÊNCIAS

ANDERY, Maria Amália Pie Abib; MICHELLETO, Nilza; SÉRIO, Tereza Maria de Azevedo Pires. A experiência como fonte das ideias, as ideias como fonte do conhecimento. *In*: ANDERY, Maria Amália. *et al.* **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1996.

AQUINO, Felipe Reinaldo Queiroz de. **Uma história que não é contada**. 3. ed. Lorena: Cléofas, 2008.

BACON, Roger. **Novum organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza**. São Paulo: Ed. Abril, 1973.

BORGES, Leonir. Mudanças no mundo do trabalho, mudanças na educação. *In*: **Revista Contemporânea de Educação**. [s.l.], v. 5 n. 9, p. 156-176, jan. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1607>. Acesso em: 03 jul. 2019.

CRIVELLARO, Débora. Os inimigos do papa. **ISTOÉ**. 23 jun. 2017. Disponível em: <https://istoe.com.br/os-inimigos-do-papa/>. Acesso em: 05 jul. 2019.

DAMIÃO, Abraão Pustrelo. O Renascimento e as origens da ciência moderna: Interfaces históricas e epistemológicas. *História da Ciência e Ensino: construindo interfaces*, [s.l.], v. 17, p. 22-49, jun. 2018. ISSN 2178-2911. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/hcensino/article/view/34411>. Acesso em: 22 abr. 2020. doi:<https://doi.org/10.23925/2178-2911.2018v17p22-49>.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUTRA, Diego Pimentel de Souza. Para uma história da ciência quinhentista: entre desafios e anacronismos. **Temporalidades**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, set./dez.

2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5953/pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

GATTI JÚNIOR, Décio. Luzuriaga, Larroyo, Manacorda e Cambi: análise de manuais de história da educação em circulação na formação de professores no Brasil (1955-2008). In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS, HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL, 10., 2019, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa: UFP, 2012. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/pdfs/1.2.pdf. Acesso em: 03 jul. 2019.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Petrópolis: Vozes, 2016.

LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo civil e outros escritos**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.

MANOEL, Ivan A. **O pêndulo da história: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)**. Maringá: EDUEM, 2004.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1984.

MARX, Karl. **O manifesto comunista**. 1. ed. São Paulo: Lafonte, 2018.

PEREIRA, Maria Eliza. Indução para o conhecimento e o conhecimento para a vida prática: Francis Bacon. In: ANDERY, Maria Amália. *et al.* **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1996.

PEREIRA, Maria Eliza; GIOIA, Silvia Catarina. Do feudalismo ao capitalismo: uma longa transição. In: ANDERY, Maria Amália. *et al.* **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1996.

RAMIRO JUNIOR, Luiz Carlos. O conceito de civilização e o discurso ultramontano no Brasil. In: **Ariadna histórica: linguagens, conceitos, metáforas**. v. 5, p. 69-107, 2016. Disponível em: <https://www.ehu.eus/ojs/index.php/Ariadna/article/view/16034/Ramiro>. Acesso em: 25 jan. 2020

RIVERO, Antonio. **História da igreja: século a século**. Juiz de Fora: Martyria, 2017.

ROCHA, Igor Tadeu Camilo. Entender ou defender o Santo Ofício? Negacionismo, apologética e usos da história inquisitorial em Para entender a Inquisição (2009), de Felipe Aquino. História da Historiografia. **International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 12, n. 29, abr. 2019. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1371/781>. Acesso em: 04 jul. 2019.

RUBANO, Denize Rosana; MOROZ, Melania. A dúvida como recurso e a geometria como modelo: René Descartes. In: ANDERY, Maria Amália. *et al.* **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1996.

SMITH, P. J. Ciência, experimento e história em Bacon. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**, v. 5, n. 1, p. 07-36, 3 ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/fmc/article/view/12562>. Acesso em: 22 abr. 2020.

TELE, Walter. Arautos do Evangelho constroem o primeiro castelo de Maringá, na zona rural, em estilo gótico francês. Veja as imagens. **Maringá Post**. 31 maio 2018. Disponível em: <https://maringapost.com.br/light/2018/05/31/araautos-do-evangelho-constroem-o-primeiro-castelo-de-maringa-na-zona-rural-em-estilo-gotico-frances-veja-as-imagens/>. Acesso em: 05 jul. 2019.

VARELA, Alexandre; VARELA, Viviane. **As grandes mentiras sobre a igreja católica: desvende os mitos sobre o catolicismo**. São Paulo: Planeta, 2016.

WOODS JÚNIOR, Thomas. **Como a igreja católica construiu a civilização ocidental**. São Paulo: Quadrante, 2008.

Recebido em: 08/09/2019

Aceito em: 04/05/2020